

# CRÍTICA E AUFKLÄRUNG NO PROJETO FILOSÓFICO DE FOUCAULT

## CRITIQUE AND AUFKLÄRUNG IN FOUCAULT'S PHILOSOPHICAL PROJECT

Helrison Silva Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O ano de 1978 marca o aprofundamento de questões trabalhadas por Foucault e redimensionadas em um projeto filosófico centrado na ideia de crítica. Parte da compreensão do pensamento foucaultiano passa, portanto, por entender o projeto crítico do autor que se declara inserido na tradição inaugurada por Kant. No presente artigo, discutiremos as aproximações e divergências dessa em relação, a partir da distinção estabelecida por Foucault entre Crítica e *Aufklärung*. Nosso propósito é argumentar que a aproximação com Kant marca a formulação da crítica que assume como tarefa, no lugar de uma analítica da verdade, o exame localizado das relações recíprocas entre o poder, o sujeito e a verdade, consolidando-se genealógicamente como o modo efetivo da filosofia em atividade.

**Palavras-chave:** Foucault. Crítica. *Aufklärung*. Genealogia.

**Abstract :** The year of 1978 marks the deepening of questions worked by Foucault and resized in a philosophical project that has the idea of critique as central. Part of understanding of foucauldian thought is therefore the critical project of the author who declares himself inserted in the tradition inaugurated by Kant. In this article, we will discuss the approximations and divergences of this in relation, from the distinction established by Foucault between critique and *Aufklärung*. Our purpose is to argue that the approach with Kant marks the formulation of critique that assumes as task, instead of an analytic of truth, the localized examination of the reciprocal relations between power, subject and truth, consolidating genealogically as the effective way of philosophy.

**Keywords:** Foucault. Critique. *Aufklärung*. Genealogy.

### 1. Introdução

Em maio de 1978, Michel Foucault, diante de uma plateia de filósofos integrantes da renomada Sociedade Francesa de Filosofia, profere uma conferência emblemática, cuja complexidade e profundidade teórica tem contribuído para a compreensão de importantes desdobramentos de seu pensamento. De certo modo, trata-se de uma conferência anônima, não por ausência ou desconhecimento de autoria, mas por tratar-se de uma conferência a qual não foi dada nome. Explica-se isso pela declaração do próprio autor que se assumiu incapaz de conceder a sua fala um título adequado, pois aquele que lhe ocorria de modo importuno era, do mesmo modo, obstinadamente rechaçado por ele

---

<sup>1</sup> Doutorando na Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CNPq. E-mail: hcosta.fil@outlook.com

que o considerava demasiado “indecente”<sup>2</sup>. Deixando a promessa de que seus espectadores perceberão a indecência acerca do uso do intrigante título recusado, nos é apresentado o tema sobre o qual se versará, a saber: “*Qu’est-ce que la critique?*”<sup>3</sup> não sem deixar de ressaltar que esse tema traz “a questão sobre a qual eu quero sempre vos dizer”, pois se trata de um projeto “que não cessa de se formar, de se prolongar, de renascer nos confins da filosofia, muito próxima a ela, contra ela, às suas custas, em direção de uma filosofia porvir, no lugar talvez de toda filosofia possível”<sup>4</sup>.

Nosso propósito é argumentar que a aproximação com Kant marca a formulação de um projeto filosófico que pretende se realizar como crítica. Para isso, se estabelece a distinção entre *Crítica* e *Aufklärung* a partir de uma outra compreensão dessas noções. Com efeito, Foucault vai se colocar na esteira da *Crítica* kantiana, embora não como analítica da verdade, de modo que vai situar sua crítica ao lado da *Aufklärung* e se inserir numa perspectiva que faz sua entrada pela abertura possibilitada pelo questionamento da limitação do nosso conhecimento, mas que se aporta nas relações suscitadas pelo poder, o sujeito e a verdade.

## **2. Crítica e *Aufklärung***

A referência à questão da *Aufklärung* aparece de forma inédita no *corpus* foucaultiano na introdução à edição americana de “O Normal e o Patológico” de Canguilhem, escrita em 1978. Nessa ocasião são tecidas considerações muito próximas daquelas que serão vistas na conferência de 78. Essa temática se torna uma constante, assumindo grande proeminência, pois se liga ao modo como Foucault passa a conceber sua filosofia a partir de então.

No texto, é colocada a tarefa de situar o âmbito em que se formula a questão da *Aufklärung* na França. Para isso, é feito um balanço da filosofia nesse país na segunda metade do século XX. Há uma dicotomia pungente entre uma filosofia do sujeito e uma filosofia do saber: de um lado pensadores que desenvolvem uma filosofia da experiência, do sentido e do sujeito, tais como Sartre e Merleau-Ponty e, de outro lado, filósofos que tratam do saber, da racionalidade e do conceito, como Cavaillès, Bachelard e Canguilhem.

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. 2015, p. 33

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. 2015, p. 34. De fato, em ocasião da publicação da conferência em 1990 no *Bulletin de la Société française de Philosophie* optou-se por dar a ela o título *Qu’est-ce que la critique?* *Crítique et Aufklärung*. Título mantido parcialmente na primeira edição crítica do texto lançada em 2015 e da qual fazemos uso.

<sup>4</sup> *Ibid.*

Esta clivagem começa a se formar a partir dos anos 1930 devido à entrada da fenomenologia na França. Com efeito, a filosofia do saber foi relegado ser mais teórica, especulativa e universitária. No entanto, desempenhou um papel mais importante do que a filosofia do sujeito no que concerne aos problemas suscitados pela crise da racionalidade no Ocidente, que colocava em xeque o lugar da Universidade, bem como o estatuto e o papel do saber.

Dentre outras, uma razão para isso é o fato de que a história das ciências ativa a questão da *Aufklärung*, que “pela primeira vez, colocava ao pensamento racional a questão não mais somente de sua natureza, de seu fundamento, de seus poderes e de seus direitos, mas aquela de sua história e de sua geografia; aquela de seu passado imediato e de sua atualidade”<sup>5</sup>. A importância adquirida pelo tema no século XVIII leva Mendelssohn e Kant ao enfrentamento dessa questão e a um “jornalismo filosófico”<sup>6</sup>, abrindo à filosofia uma dimensão histórico-crítica, a qual comporta dois objetivos indissociáveis e recíprocos: 1) procurar pelo momento em que o Ocidente afirmou a autonomia de sua própria racionalidade; 2) analisar o presente traçando a “história crítica da razão” no intento de compreender em que consiste esse gesto fundador.

A análise segue na direção de identificar, a partir da ativação do tema da *Aufklärung*, quais foram os processos responsáveis por manter essa problemática na centralidade da filosofia que marcaram a segunda metade do século XX. Percebe-se que o problema da *Aufklärung* é colocado pela suspeita quanto ao crescimento da racionalização no Ocidente e que manterá ativa essa questão na filosofia contemporânea.

Na esteira de uma suspeita da racionalidade se coloca também uma desconfiança em relação à própria crítica da *ratio* moderna, impotente frente aos apoios oferecidos às tecnologias de poder. A crítica não pode mais ser efetivada como crítica do juízo, como instrumento de distinção entre o verdadeiro e o falso. Ela deve ser colocada a partir dos efeitos desdobrados do entrecruzamento entre *ratio* e poder, ou seja, a partir dos efeitos de governamentalização provocados pelo avanço da racionalidade. Sendo assim, a leitura que Foucault faz de Kant traça uma definição de *Aufklärung* que se apresenta “não como uma maneira para o Ocidente de tomar consciência de suas possibilidades atuais e liberdades às quais ele pode ter acesso, mas como maneira de o interrogar sobre seus

---

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> *Ibid.*

limites e sobre os poderes que ele abusou”<sup>7</sup>. Essa é, portanto, a condição de efetivação da filosofia enquanto responsável por vigiar os abusos de poder.

Sendo assim, a tomada do problema da *Aufklärung* nos coloca no âmbito da governamentalidade moderna tal como apresentada no curso de 78. A questão da *Aufklärung* é ativada pela preocupação em torno do excesso de poder provocado pelo avanço das práticas refletidas de governo que se utilizam de uma racionalidade especificamente política e cujo objetivo é a condução de condutas. Ora, na referida conferência de 78 a atitude crítica é definida como um modo de não ser de tal forma governado, como um comportamento típico na modernidade frente às práticas de conduta. Desse modo, a atitude crítica é muito próxima daquilo que Kant designa como *Aufklärung* no artigo Resposta à pergunta: o que é a *Aufklärung*? publicado no jornal *Berlinische Monatsschrift* em 1784.

Em primeiro lugar Kant define a *Aufklärung* em relação a um estado de minoridade no qual toda a humanidade estava mantida autoritariamente. Ademais, a minoridade é descrita como a insuficiência em se servir de seu próprio entendimento sem a presença de direção de outrem. E ainda se caracteriza por uma correlação entre uma autoridade — responsável por manter a humanidade nessa condição — e uma falta de decisão e de coragem. Nota-se também que no texto sobre a *Aufklärung* Kant exemplifica o estado de minoridade em que se encontra a humanidade nos domínios da religião, do direito e do conhecimento, o que o leva a declarar:

Isso que Kant descrevia como *Aufklärung* é o mesmo que eu tentava até agora descrever como crítica, como essa atitude crítica que se vê aparecer como atitude específica no Ocidente a partir, creio eu, do que foi historicamente o grande processo de governamentalização da sociedade<sup>8</sup>.

De modo evidente, é possível perceber uma aproximação com Kant que se efetua por meio da correspondência entre a atitude crítica e *Aufklärung*. Dito de outro modo, procura-se aproximar a atitude crítica traduzida como “não-servidão voluntária” daquilo que Kant chamou de *Aufklärung*. Como vimos, a *Aufklärung* se define em relação ao estado de minoridade, e que tem como divisa o mote *Sapere Aude* - coragem necessária para pensar por si mesmo, para conduzir-se a si próprio afastado da imposição de outrem. Logo, ela se define como a saída do indivíduo do estado de minoridade. Verifica-se a

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. 2001a, p.433.

<sup>8</sup> FOUCAULT, M. 2015, p. 41.

partir disso que a atitude crítica foucaultiana e a *Aufklärung* kantiana correspondem a um modo de não ser governado absolutamente, sem um questionamento prévio ou reflexão, bem como o âmbito moral e político em que estão situadas. Comentando o gesto foucaultiano de aproximação ao pensamento de Kant, Gros assinala que a *Aufklärung*: “manifesta bem essa atitude crítica, pois se trata mesmo de inverter o imperativo de uma autoridade exterior e de pensar por si mesmo”. Assim, a aproximação entre a atitude crítica e a *Aufklärung* se estabelece na medida em que ambas implicam em “recusar obedecer à verdade, enquanto ela seria pensada, imposta por outrem, e recusar se submeter *a priori* aos sistemas que nos fariam obedecer ao modo de discurso de verdade”<sup>9</sup>.

Interessa a Foucault, a partir dessa constatação que o aproxima de Kant, compreender como este vai definir a Crítica em relação à *Aufklärung*, ou seja, “em relação à *Aufklärung*, como se poderia situar a Crítica propriamente dita ?”<sup>10</sup>. Entende-se com isso o intuito de fixar o que Kant entende por Crítica tendo em mente que ele coloca do lado da *Aufklärung* todo o movimento Crítico que precedeu à formulação da sua Crítica. Portanto, qual o lugar da Crítica, como situá-la em meio à *Aufklärung*? O interesse aqui é fulcral, pois isso irá permitir a nosso autor não apenas distinguir no pensamento de Kant Crítica e *Aufklärung*, como também distinguir o seu próprio entendimento de crítica em relação à definição kantiana e marcar sua proximidade com o tema da *Aufklärung*. Com efeito, seguindo as considerações de Gros, podemos entender a tentativa de ancoragem na leitura que faz de Kant para firmar a possibilidade de erigir sua própria filosofia, esta “não se encontra tomada no meio de outros estudos de filosofia”, e sim, consiste em um modo “para Foucault de se interrogar sobre o que ele faz e de definir sua singularidade no campo filosófico”<sup>11</sup>.

Pois bem, Kant entende a Crítica como aquilo que interpelará os limites do conhecimento até o ponto em que desconfiar dele implica em uma atitude perigosa que pressupõe coragem e liberdade. A Crítica é o “que vai dizer ao saber: ‘tu sabes bem até onde podes saber? Raciocina tanto quanto queiras, mas sabes bem até onde podes raciocinar sem perigo?’”<sup>12</sup>. Por conseguinte, no lugar de responder a um imperativo externo que designe “Obedeça” com a mais irrefletida obediência, é necessário recorrer à

---

<sup>9</sup> 2006, p. 162.

<sup>10</sup> FOUCAULT, M. 2015, p. 41 (grifo do autor).

<sup>11</sup> GROS, F. 2006, p. 160.

<sup>12</sup> FOUCAULT, M. 2015, p.42.

própria consciência para formular uma ideia justa que sirva como princípio de autonomia que tornará desnecessário escutar a autoridade do comando externo, “ou antes, o *obedeça* estará fundado sobre a autonomia ela mesma”<sup>13</sup>.

Há, portanto, em Kant uma coincidência entre dever e liberdade que faz com que o uso da razão (Crítica) seja necessário à saída da minoridade (*Aufklärung*). Dito de outro modo, a “coragem de saber” presente na *Aufklärung* e exigida por ela tem por função reconhecer os limites do conhecimento e assegurar a autonomia do sujeito que passa a agir ciente da ação que efetua a tal ponto que a obediência está fundada na autonomia. Evidencia-se desse modo a compreensão kantiana da Crítica em relação ao Movimento da *Aufklärung*.

Decorre disso que o grande feito de Kant foi ter fixado a Crítica na tarefa de “desassujeitamento em relação ao jogo da política do poder e da verdade, como tarefa primordial, como prolegômeno a toda *Aufklärung* presente e futura, de conhecer o conhecimento”<sup>14</sup>. Portanto, a Crítica, tal como Kant a define, é o procedimento de interpelação do conhecimento que permite o desbloqueio da *Aufklärung*. No entanto, essa formulação traz consigo a marca de um pensamento que não radicaliza seus pressupostos. Ora, a atitude crítica está fundada na desobediência, no enfrentamento e na revolta não podendo se conciliar com nenhum princípio racional que fundamente uma atitude de obediência. Ela se caracteriza por uma inquietude inescapável impossibilitando-a de se fixar a qualquer lei universal ou prescrição. Entrevê-se aí a exterioridade do pensamento foucaultiano em relação às formulações filosóficas de Kant, que marca a diferenciação do projeto crítico de Foucault da Crítica kantiana. Corrobora essa opinião Michel Senellart, cuja leitura aponta para esse recuo de Kant em relação aos aspectos políticos que poderiam ser desdobrados de seu pensamento:

Kant não levou às últimas consequências a sua própria máxima crítica (“Tenha a coragem de pensar por si mesmo”). Ao deslocar a crítica para o plano das condições do saber, ele neutralizou os seus efeitos políticos. Ao invés de *opor* a autonomia à obediência ao soberano (...) Kant fundou esta obediência na própria autonomia<sup>15</sup>.

Como podemos observar, se a Crítica kantiana ela mesma não comporta a definição de atitude crítica é ela, no entanto, que possibilita a *Aufklärung* na medida em

---

<sup>13</sup> *Ibid.* (grifo do autor).

<sup>14</sup> FOUCAULT, M. 2015, p.42.

<sup>15</sup> 1995, p.5.

que corresponde ao questionamento daquilo que se coloca como verdade e que, portanto, vai ancorar a atitude crítica. Em suma, a atitude crítica pressupõe a interpelação ao saber instituído, pois corresponde ao desassujeitamento em relação a uma verdade posta que traz efeitos de poder que sustentam as práticas de governo sobre os indivíduos, conforme argumenta Frédéric Gros: “Se Kant se inscreve com a *Aufklärung* em uma tradição de atitude crítica, é na condição de reduzir a postura de ‘não-governamentalidade’ (na recusa em obedecer) sobre a exigência transcendental”<sup>16</sup>. Insurgir-se contra as investidas do poder implica em uma reflexão sobre os modos de governo praticados. Isso é possível pela abertura proporcionada pela Crítica, que permite a entrada no problema da *Aufklärung*. A tradição Crítica kantiana inaugura a suspeita em relação ao excesso de racionalização, mas não radicaliza o uso político que ela carrega. Entendemos, a partir disso, que Foucault reivindica uma concepção de crítica na esteira kantiana, mas que de fato não coincide com o modelo da Crítica e que de certo modo vai em outra direção, pois como podemos apreender do comentário de Senellart: “A referência ao modelo kantiano não constitui, para Foucault, um retorno a Kant, mas um esforço para desvencilhar a *atitude crítica* dos limites nos quais, desde o próprio Kant, a *questão crítica* a havia encerrado”<sup>17</sup>.

No decorrer da história da filosofia a partir do século XIX, e principalmente no século XX, efetiva-se um apoio maior ao projeto elaborado por Kant em detrimento da sustentação da atitude crítica que desenha os contornos da empreitada da *Aufklärung*. Centrou-se na Crítica, procurando desenvolvê-la, enquanto a *Aufklärung* foi completamente eclipsada; primeiramente pelo próprio Kant que inaugura a tradição da Crítica restringindo, contudo, o seu alcance ao campo epistemológico, o que é seguido por seus leitores. Decorre disso a afirmação de que filósofos contemporâneos como Habermas e Rawls se situam na tradição Crítica inaugurada por Kant, pois pressupõem a fundação de valores universais que seriam referendados nas instituições democráticas e na constituição do Estado. Foucault não compartilha dos pressupostos destes autores e por isso toma de empréstimo, de maneira muito própria, os escritos de Kant. Conforme Deleuze, existe uma aproximação com a filosofia de Kant, mas que é marcada por uma distinção que não pode ser jamais desconsiderada:

---

<sup>16</sup> 2006, p. 162. (grifo do autor)

<sup>17</sup> 1995, p. 5.

Essa busca das condições constitui uma espécie de neo-kantismo característico de Foucault. Há, entretanto, diferenças essenciais em relação a Kant: as condições são as da experiência real, e não as de toda experiência possível [...]; elas estão do lado do ‘objeto’, do lado da formação histórica, e não de um sujeito universal (o próprio *a priori* é histórico); ambas são formas de exterioridade<sup>18</sup>.

Como podemos observar a proximidade com Kant é limitada pela distinção de Crítica e *Aufklärung*. A atitude crítica se funda na *Aufklärung* e não na Crítica ela mesma. Como aponta Gros, não se trata de escrever a história da oposição entre uma racionalidade dominante e uma razão libertadora, de maneira que seria apenas preciso depurar o conhecimento, estabelecendo regras teóricas válidas para se distinguir uma da outra, e sim, concerne a ele, “descobrir os dispositivos de poder-saber a partir de uma postura de recusa em ser governado”<sup>19</sup>. A crítica se movimenta por entre o dinamismo das relações de poder, prescindido de uma ancoragem nos recursos da razão.

Com efeito, é sublinhado o fato de que no cerne do problema da Crítica kantiana encontra-se o problema da racionalidade. Ainda que a resposta de Kant no periódico tenha objetivado situar o projeto crítico, desenhar seus contornos em relação a *Aufklärung*, as relações entre *Aufklärung* e Crítica comportarão uma suspeita crescente e um questionamento cada vez mais desconfiado em relação às racionalidades; “de quais excessos de poder, de qual governamentalização – ainda mais incontornável ao justificar-se pela razão- essa razão ela mesma, não é historicamente responsável?”<sup>20</sup>. Com esta questão é marcada a preocupação do Ocidente que apesar da ancoragem na racionalidade passa a levantar uma suspeita em relação a ela, devido aos seus efeitos de governamentalização responsável por produzir excessos de poder na sociedade ocidental moderna.

Percebe-se a importância dessa problemática suscitada pela *Aufklärung* na filosofia moderna. Pergunta-se pela medida de racionalidade nas organizações sociais e econômicas e atesta-se a presença de um excesso de poder. Diante disso, podemos afirmar que a questão Crítica acaba por colocar o problema da relação entre racionalidade e poder, o que evidencia a questão da *Aufklärung*. Na perspectiva foucaultiana, a questão da *Aufklärung* é o problema do excesso de poder provocado pelo desenvolvimento das técnicas políticas. No entanto, não cabe apenas fazer a crítica dessa racionalidade, e sim fazer a crítica dos próprios modos de funcionamento das práticas políticas e do exercício

---

<sup>18</sup> DELEUZE, 1990, p. 69.

<sup>19</sup> 2006, p. 163.

<sup>20</sup> FOUCAULT, M. 2015, p. 44.



de poder. Desse modo, a questão da *Aufklärung* é reativada na seara da filosofia contemporânea, assumindo uma centralidade insuperável na medida em que diz respeito à questão das relações de poder da nossa sociedade.

### **3. A prática histórico-filosófica como via da *Aufklärung***

Como visto, a *Aufklärung* coloca o problema do excesso de racionalização das técnicas e das práticas de poder no centro da História da Filosofia desde Kant e é com este ponto incontornável que Foucault também se depara e o torna fraterno à Escola de Frankfurt. No entanto, assumir a centralidade deste problema implica em desenvolver uma prática histórico-filosófica que corresponde a uma análise empírica das relações de saber-poder.

Em primeiro lugar, fazer da *Aufklärung* a questão central da filosofia implica se engajar em uma prática histórico-filosófica que se esquia de uma filosofia da história e de uma história da filosofia. Com efeito, a prática histórico-filosófica não se define como uma experiência interior ou como estruturas fundamentais do conhecimento científico, tampouco se define como um conjunto de conteúdos históricos acolhidos como fatos que são elaborados pelos historiadores. Assim, o autor permanece em sua pretensão de um exame localizado das práticas de poder, sendo seus objetos bem circunscritos a um espaço determinado sem objetivar grandes formulações teóricas. É a partir dos conteúdos históricos disputados pelo seu valor de verdade de discurso enunciado que ele problematiza a questão do sujeito e do poder, que são, portanto, relacionados uns aos outros.

Em segundo lugar, ao colocar-se a *Aufklärung* como questão central da filosofia significa também que a prática histórico-filosófica se encontra em uma relação privilegiada com ela. A *Aufklärung* se coloca como uma época determinável, ainda que fluida, mas passível de identificação como “momento de formação da humanidade moderna”, como “um período sem datação fixa, com múltiplas entradas”<sup>21</sup>, tais como a formação do capitalismo, a constituição do mundo burguês, o funcionamento dos sistemas estatais, a fundação da ciência moderna com todos seus correlativos técnicos e também a organização de um *vis-à-vis* entre a arte de ser governado e aquela de não ser tão governado. Sendo assim, o modo de investigação escolhido pretende analisar as

---

<sup>21</sup> FOUCAULT, M. 2015, p.47.

transformações colocadas pela questão da *Aufklärung* e ver como pode se aplicar em qualquer momento histórico essa questão responsável por explicitar as relações de poder, da verdade e do sujeito.

Em face disso, a prática histórico-filosófica lida com o problema colocado pela *Aufklärung*, e pela questão do poder, de modo que “ela avançaria não como uma investigação da legitimidade, mas como alguma coisa que eu chamaria uma prova de acontecimentalização”<sup>22</sup>. Dito de outro modo, a investigação foucaultiana avança por meio de uma abordagem que procura identificar os apoios recíprocos entre os dispositivos de saber-poder que apoiam as relações de poder na atualidade e se efetiva como crítica, pensada a partir da não-aceitação irrestrita das práticas de governamentalização intensificadas no século XVIII.

Enfrentar o tema do poder servindo-se de uma prática histórico-filosófica significa afastar-se da lição Crítica kantiana, pois colocar a questão da *Aufklärung* a partir das relações de saber-poder pressupõe desvencilhar-se de qualquer apelo transcendente e aceitar a nudez das condições de imanência, de modo a compreender os acontecimentos em sua absoluta imediaticidade sem procurar dar a ele qualquer sentido ulterior. Assim, a crítica foucaultiana assume o escopo de tecer uma crítica dos jogos de poder e da racionalidade política, sem, contudo, utilizar-se de um modelo que se supõe universal, já que pautada em uma análise empírica das conexões e estratégias que ligam os dispositivos de saber-poder. Assim, afirma Alves que a crítica: “não se realiza mais a partir da figura kantiana do ‘tribunal da razão’, (...) a crítica da razão, genealogicamente reformulada, abre mão de qualquer perspectiva transcendental ou intenção normativa, recusando-se a submeter o material histórico à lógica abstrata do conceito”<sup>23</sup>. Também Deleuze comenta essa aproximação da crítica com a filosofia de Kant. De acordo com ele, Foucault “historiciza o transcendental”, no intuito de poder lidar com que é empírico em detrimento do universal e do abstrato<sup>24</sup>.

Nessa perspectiva, a Crítica kantiana parte do questionamento à autoridade da metafísica que se afirmava como discurso de verdade até então. No entanto, o autor aponta que Kant não faz o mesmo em relação aos pressupostos da ciência, tão dogmáticos quanto os da metafísica. Conforme, Alexandre Alves: “Kant troca um absoluto por outro, substituindo o absoluto da metafísica pelo absoluto da ciência (...), a ‘vontade de verdade’

---

<sup>22</sup> FOUCAULT, M. 2015, p. 51.

<sup>23</sup> 2007, p.35.

<sup>24</sup> 2006, p.69.

que se encontra por trás do ideal científico permanece inquestionada”<sup>25</sup>. Prosseguir a crítica da ciência, atribuindo a ela uma “vontade de verdade” implicaria em desancorar todo o princípio transcendental que sustenta a Crítica kantiana. Portanto, nessa leitura, a filosofia de Kant apresenta limitações quanto ao seu escopo crítico devido ao modo que se deu sua articulação com os temas do conhecimento e da moral. Colocar a Crítica do lado da *Aufklärung* consistiria, para Kant, em não apenas fazer a crítica da ciência como também invalidar o projeto de um “tribunal da razão”.

Para entendermos a elaboração do projeto crítico foucaultiano é preciso ter em mente que para o autor as limitações colocadas por Kant são retomadas pela genealogia de Nietzsche, o responsável por levar a cabo uma crítica imanente da razão, fazendo a crítica da ciência, do Estado, da religião e de toda forma de sentido e valor. Por conseguinte, a Crítica se dobra a uma perspectiva histórica e empírica sendo realizada numa prática histórico-filosófica que prescinde do transcendental, suprimindo a primazia do sujeito. Como bem observa Alves, tanto Deleuze quanto Foucault consideram a genealogia de Nietzsche como o acabamento do projeto crítico inconcluso de Kant<sup>26</sup>. No entanto, em Nietzsche a crítica opera pela genealogia que dispensa o crivo do sujeito transcendental sobre as práticas e experiências e passa a procurar pelas experiências e conhecimento nas condições imanentes proporcionadas pela contingência da história.

#### **4. Considerações finais**

Como evidenciado, a proposta foucaultiana é mostrar que “se é preciso colocar a questão do conhecimento na sua relação com a dominação, seria de início e antes de tudo a partir de uma certa vontade decisória de não ser governado”<sup>27</sup>. Portanto, a retomada da Crítica kantiana realizada por ele a modifica, enfrentando de modo privilegiado a questão da *Aufklärung*. Com efeito, o tema do poder e seus desdobramentos ético-políticos assumem a centralidade da reflexão crítica a partir do movimento promovido pela atitude crítica que implica em uma vontade tanto individual como coletiva de, em termos kantianos, sair da minoridade. “Questão de atitude”, enfatiza o filósofo. E então, na conferência de 78 finaliza sua fala de modo provocativo: “Vocês veem porque eu não

---

<sup>25</sup> 2007, p.35.

<sup>26</sup> ALVES, A. 2007, p.39.

<sup>27</sup> FOUCAULT, M. 2015, p.58.

pude dar, ousaria dar um título a minha conferência que tivesse sido: ‘O que é a *Aufklärung?*’<sup>28</sup>.

Na perspectiva de Gros, propor uma conferência cujo título fosse “O que é a *Aufklärung?*” consistiria em afirmar que a crítica “é a recusa *a priori* de obedecer mais do que o questionamento transcendental. Se trataria, no fundo, de reler o texto de Kant sobre os Iluministas, sob a luz das ‘contracondutas’, de resistência mais do que das teorias de Habermas”<sup>29</sup>.

Portanto, mesmo sem nomear, é isso que Foucault faz; realiza uma leitura de Kant na questão específica sobre o Iluminismo e o examina tendo como referência a noção de contraconduta ao nível de análise do poder pastoral, de modo que a leitura permanece em um nível empírico de análise, recusando a perspectiva transcendental utilizada pelos autores neokantianos.

Se Foucault se coloca à esteira de Kant, como um pensador crítico, não tem por escopo fazer uma crítica epistemológica, interpelando o conhecimento em sua verdade e falsidade, sobretudo porque o uso que Foucault faz da crítica é distinto daquele colocado por Kant. A crítica de Foucault se distingue das pretensões assumidas pela crítica kantiana na medida em que esta centra-se nas condições de possibilidade do conhecimento se efetivando como um mecanismo de julgamento da razão. Como vimos, Foucault percebe nisso uma limitação da proposta kantiana que não ousou radicalizar seus próprios princípios em direção a uma crítica do poder. Não obstante, o papel de Kant é imprescindível e fundante, pois é ele que traz a abertura necessária para se pensar a *Aufklärung* de modo que a crítica do conhecimento se coloca como condição necessária para a crítica das relações de poder, bem como é ela que traz a preocupação em relação às questões ético-políticas que se ligam à racionalidade humana.

Sendo assim, a *Aufklärung* se daria em uma política da verdade em vez de ser uma interrogação transcendental. A recusa em dar à conferência um título que pergunta pela *Aufklärung* tem a ver, portanto, com a tentativa de evitar uma posição de confronto com a tradição Crítica. Perguntar então pelo que é a *Aufklärung* seria indecente, pois colocaria o filósofo numa posição de recusa em relação às pesquisas de Kant e neokantianos pelo recuo efetuados por eles da Crítica em relação à *Aufklärung*. Em vez disso, a pergunta pela crítica permite ao filósofo contornar essa posição de recusa, situar sua perspectiva ao lado da *Aufklärung*. A filosofia de Foucault pensada como uma prática histórico-

---

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> GROS, F. 2006, p. 163.

filosófica se formula, portanto, como uma crítica genealógica que persegue os acontecimentos históricos, identificando os atravessamentos e as redes causais que os constituem, no intuito de compreender aquilo que somos hoje.

## **Referências**

- ALVES, A. A crítica de Ponta Cabeça: Sobre a significação de Kant no pensamento de Foucault. *Trans/Form/Ação*, v.1, n. 30, p. 25-40, 2007.
- CANDIOTTO, C. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins; Revisão da Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits I* (1954-1988), 2 volumes, Paris : Gallimard, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Sécurité, territoire, population*. Cours au Collège de France. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Introduction à l'Anthropologie de Kant*. Thèse complémentaire pour le doctorat des Lettres, Paris : Vrin, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Qu'est-ce que la critique? suivi de la culture de soi*. Paris: Vrin, 2015.
- GROS, F. "Foucault et la leçon Kantienne des Lumières". In: *Lumières*. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, n. 8, p. 159-167, 2006.
- HABERMAS, J. "Aporias de uma teoria do poder". In: *O Discurso filosófico da modernidade*. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HAN, B. *L'ontologie manquée de Michel Foucault. Entre l'historique et le transcendantal*. Editions Jérôme Millon, 1998.
- KANT, I. Resposta à pergunta: "que é Esclarecimento?" (*Aufklärung*). Trad. Floriano de S. Fernandes. In: \_\_\_\_\_. *Immanuel Kant. Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SENELLART, Michel. "A crítica da razão governamental em Michel Foucault". *Tempo Social; Rev. Social*. São Paulo, v. 7, n. 1-2, p.1-14, 1995.

*Recebido em: 20/03/2018*  
*Aprovado em: 20/07/2018*